

Comunicação Coordenada
História, currículo e ensino de História

A HISTÓRIA QUE ME ENSINARAM: UMA ANÁLISE DE RELATOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA POR EGRESSOS DA ESCOLA BÁSICA

Maria Inez Salgado de Souza

Doutora em Educação
Graduada em História

INTRODUÇÃO: Situando a análise e seu marco conceitual

Meu ponto de partida e a intenção da chegada são a “história do ensino de história”. Este trabalho é parte de um projeto maior, iniciado em 1991, quando dava aulas na UFMG e realizei pesquisa sobre o ensino de história em dois cursos noturnos de suplência e discuti o significado da disciplina na percepção dos alunos.¹ Nesse trabalho, sem muitas ferramentas teóricas que não fossem as da própria disciplina História - uma ciência em discussão a partir da escola dos Annales – acreditava que o que se passava na escola básica, em qualquer dos seus segmentos, tendia a ser um reflexo, uma imitação, ainda que pobre, da História construída nos meios acadêmicos. Contudo, o próprio Henry Pirenne alertara já para a impropriedade de se querer colocar dentro de sala de aula os princípios metodológicos da “Nouvelle Histoire”.

Constatei aí uma vulgarização bastante caricata da história ensinada – ainda que seu ensino estivesse a cargo de alunos-estagiários do curso de História, alguns deles assistidos por mim enquanto orientadora do processo dentro do projeto de suplência do Centro pedagógico. Os alunos desse curso, bem como do curso de mestre de obras da Escola de Engenharia, que igualmente foram objeto dessa análise, eram alunos-trabalhadores. Eles haviam retornado aos bancos da escola com grandes lacunas na sua escolaridade. Traziam já consigo, estereótipos adquiridos em suas passagens anteriormente pela escola regular. Poucos dentre eles conseguiram, depois de dois semestres, saírem do senso comum e entenderem a história processual.

Em 1997, retornaria à temática desse encontro – a distribuição do conhecimento histórico ,como se dá a sua vulgarização através dos canais formais da escolarização e qual sua relação com o saber que é elaborado . Apresentei minhas reflexões no seminário “Perspectivas do Ensino de História” em Curitiba, em 1998, onde discuti qual seria o papel do livro didático na “transformação” do conteúdo acadêmico da ciência histórica em algo palatável aos alunos de ensino fundamental, de acordo com suas diretrizes didático-pedagógicas. Nesse trabalho, minha hipótese é que os livros didáticos – em especial os que são mais utilizados- se propõem a fazer uma mediação que é bastante complicada. São eles os principais canais da vulgarização do saber histórico (e de outras disciplinas curriculares), mas possuem outras restrições: as orientações metodológicas e curriculares que constituem as propostas oficiais para o ensino da disciplina.² No final o que se oferecia aos alunos era uma história caricata, anedótica e superficial, conquanto pretensamente atualizada e balizada pelos cânones da pesquisa sediada nos centros de produção do conhecimento da ciência de referência.

Procurando entender melhor o que se passa no percurso que vai dos meios acadêmicos e da pesquisa até a sala de aula do ensino básico, por vicissitudes profissionais acabei me deparando com os estudos sobre o currículo e a história das disciplinas escolares.

¹SOUZA, Maria Inez S. de ,*Vulgarização versus administração do saber - o ensino de História em dois cursos noturnos na UFMG*, relatório de pesquisa, órgão financiador CNPq,1992.

²No caso em questão, o parâmetro de ensino que foi analisado junto ao livro didático foi o Guia Curricular para o ensino de História, da Secretaria de Estado da Educação, versão de 1994.

Portanto, é escudando-me numa teoria das disciplinas escolares e sua trajetória, que hoje venho tentar propor o percurso inverso: parto dos condicionantes encontrados na disciplinarização e nos conteúdos escolares- teoria curricular- para chegar às “ciências de referência” – ou seja: à História produzida e seu papel no currículo.³

Como ferramentas para minha análise utilizarei as análises sobre disciplinas escolares e sua história, de Henry Goodson,(GOODSON, 1999) na Inglaterra e André Chervel (CHERVEL,1990) e Dominique Julia (JULIA,2002) na França.

Segundo a escola inglesa, (SANTOS,1990) as análises dos conteúdos e disciplinas escolares, devem ser orientadas por uma perspectiva sóciohistórica. Ivor Goodson chega a propor “uma história social dos conteúdos escolares” que são construtos sociohistóricos de uma época específica e atendem às suas finalidades e objetivos.

O modelo de análise de Goodson, baseia-se num tripé: primeiro, os conteúdos são um amálgama mutável de subgrupos e tradições; segundo, a constituição de uma disciplina é um processo que muda desde a tradição utilitária desse conhecimento, para uma tradição acadêmica universitária;terceiro, o autor pressupõe que o conflito, no caso do currículo, provém de uma luta por status, recursos e território de cada conteúdo. (GOODSON, apud SANTOS, 1990,p.25)

Já o aporte teórico da escola francesa dá destaque a uma “história do ensino e dos instrumentos de ensino”, que ultrapassa o escopo da história das instituições e recai na análise da história das disciplinas escolares.(CHERVEL,1990, p.184) Segundo esta fundamentação é preciso distinguir as disciplinas escolares, as ciências de referência e a pedagogia (no sentido das metodologias). Aí se dá a separação entre “o que se ensina” e o que é produzido pela ciência de referência.

Aqui, situa-se, a meu ver, o centro da análise e da reflexão propiciadas por este evento: teria a ciência da História algo a ver com a disciplina escolar chamada História, mas que já se chamou Estudos Sociais? E qual seria o papel da metodologia, da instrumentalização didática que é fornecida aos professores?

Chervel aponta o consenso atual sobre esse relacionamento quando observa:

Estima-se que os conteúdos de ensino são impostos como tais à escola pela sociedade que a rodeia e pela cultura na qual ela se baseia. Na opinião comum a escola ensina as ciências, as quais trazem as suas comprovações feitas em outro local. (CHERVEL, 1990, 180)

³ Aqui me fundamentei nos estudos acadêmicos sobre as disciplinas escolares de Goodson e Chervel, responsáveis pelo desenvolvimento desses estudos, hoje largamente difundidos entre os acadêmicos que estudam o currículo, representados no Brasil pelos autores: Elizabeth Macedo, Lucíola Santos e Elcio Oliveira da Silva, entre outros.

Assim sendo, acabamos tendo duas hipóteses sobre a natureza desse relacionamento entre o conhecimento produzido e o conhecimento vulgarizado pelo aparelho escolar. U A primeira acredita que as disciplinas escolares e seus conteúdos são originadas da necessidade de simplificação e vulgarização para os alunos das escolas básicas, dos conhecimentos que eles não são capazes de apreender em seu “estado de pureza e integridade”.(CHERVEL, 1990,181). O papel central que aqui teriam as “metodologias” é ironicamente retratado por esse estudioso:

Ao lado da disciplina-vulgarização é imposta a imagem da pedagogia-lubrificante, encarregada de lubrificar os mecanismos e de fazer girar a máquina.(CHERVEL,op cit.p.181)

Assim, não se deixa margem para a existência autônoma das disciplinas. Acabam sendo meras combinações de saberes e de métodos pedagógicos.

Numa visão diferente desta outros teóricos percebem os conhecimentos escolares como uma articulação possível entre os conhecimentos originários das ciências de referência mas, ao mesmo tempo, dotados de uma multidimensionalidade epistemológica. (SILVA, 1997).

O autor em questão discute se é possível identificar uma disciplina do campo pedagógico (saber escolar) com sua correspondente epistemológica da ciência de referência (saber científico) e indaga:

(...) Química e Ensino de Química seriam conhecimentos orientados pelos mesmos parâmetros?A resposta deve ser não, ou não exatamente. Pois enquanto num dos casos estamos lidando com produção de conhecimento científico (Química), no outro tratamos da produção de conhecimento educacional Ensino de Química.(SILVA, 1997,114)

Esta separação teria sua contrapartida na resultante formação de professores em dois níveis ou categorias (de saberes necessários ao ensino de disciplinas escolares, tal como é entendida na graduação: Matemática, Biologia, História): a “formação específica” (conteúdo referente à especificidade epistemológica) e a “formação pedagógica” (métodos e técnicas de ensino), que acabam se sobrepondo.⁴

A saída para esta dicotomização no ensino superior ainda não foi conseguida, com efeitos patéticos no que se vê nas salas de aula de nossas escolas, conforme podem atestar recentes trabalhos fundamentados em dados empíricos. (cf. SENA,2002). Os estudos na área de currículo e história das disciplinas talvez lancem novas luzes sobre esse divórcio epistemológico, enquanto voltam seus olhares sobre “como se constituíram nossas disciplinas, com que conteúdos trabalham e como se relacionam com as ciências de referência”.

2- “A História que me ensinaram”: um ponto de partida para entender que ensino de História foi produzido.

Neste trabalho temos um campo empírico de análise constituído pelos relatos de alunos de Pedagogia, ao cursarem a disciplina: Metodologia do Ensino de História em resposta a uma pergunta: **Qual foi a história que me ensinaram?** Reunidos em um só texto, editado sob o título “A História que me ensinaram,” constituiu-se uma fonte de memórias para ajudar a conhecer “a história do ensino de História” em Minas Gerais, do ponto de vista de alunos, ou melhor, ex-alunos de uma variedade de escolas e cursos e suas reminiscências acerca da escola básica.

Metodologicamente, analisarei aqui os relatos, subdividindo-os em três categorias ou momentos: primeiramente, os conteúdos da história ensinada; em segundo lugar os métodos de ensino e seus efeitos na sala de aula e no terceiro momento, a apreciação crítica dos depoentes (espontânea e não estimulada pela pesquisadora) sobre os efeitos

⁴ Não cabe aqui, dado o escopo do trabalho aprofundarmos sobre as origens e os efeitos de tal distinção nos anos escolares iniciais, onde os professores, com raríssimas exceções não são formados nas noções básicas das disciplinas específicas, mas apenas em seus aspectos metodológicos.

desse ensino. Os alunos possuem idades que variam de 50 anos ou mais até 21 anos de idade. Cursaram a escola fundamental e média em diferentes épocas: décadas de sessenta, setenta, oitenta e noventa.⁵

Passaram por sistemas de ensino com várias denominações e estruturas dependendo da época e da lei que regia o sistema de ensino no Brasil: primário, ginásio, normal, colegial, científico (década de sessenta); ensino de primeiro e segundo graus e técnico (décadas de setenta e oitenta) e curso de magistério, ao lado do curso médio, na década de noventa. Duas grandes reformas educacionais mediaram a maioria dessas experiências: a da lei 5692/71 e a LDBN/1996, porém duas alunas ainda estudaram sob o mesmo regime escolar que a pesquisadora, a LDB/1961. Por outro lado, do ponto de vista pedagógico, diferentes programas e orientações curriculares⁶ sobre o ensino de História foram colocados à disposição das escolas da rede pública, editora e professores durante o período abrangido pelos relatos. Os dois últimos guias curriculares de ensino de História no âmbito estadual (divulgados nas escolas nas décadas de oitenta e noventa) também deveriam ter servido como documentos para orientação do ensino da disciplina e devem ter sido objeto de estudo nas faculdades de formação de professores.

No momento, minha questão central de análise é: que tipo de ensino de história predominou em Minas Gerais, a partir da percepção dos alunos que cursaram o ensino básico desde os anos sessenta até os anos noventa? Na percepção evidenciada pelos relatos de egressos de escolas públicas e particulares, durante essas quatro décadas, que conteúdos, atitudes e habilidades acadêmico-pedagógicas foram predominantes e que transformações sofreram?

3- Os conteúdos da história ensinada

Nesta seção deixarei a cargo dos relatos a descrição dos conteúdos ensinados pois creio que falam por si. Por se tratar aqui, de um grande número de professores atuantes no ensino básicos e no final de um curso de Pedagogia, alguns revelam um nível de análise bastante crítico e pertinente. Outros ainda ficam no impressionismo e nos recortes pouco precisos de uma história bastante factual, que por sua vez são também reveladores. Assim, há relatos gerais de ordem mais analítica e relatos bastante descritivos. Quanto ao tipo de conteúdo predomina o factual, tradicional, a periodização clássica seguida até hoje por muitos autores de livros didáticos. Muitos se recordam de uma história do Brasil anedótica e ufanista, linear e etapista. Datas, fatos e personagens freqüentaram essa “história” e estão presentes nas reminiscências dos ex-alunos: O 7 de setembro, a escravidão, a colonização dos portugueses... Trata-se de uma história política, predominante nos manuais didáticos e com toda certeza não modificada ao longo de todas essas décadas. Um conteúdo mais crítico talvez possa ter sido conhecido no nível de segundo grau, ou num curso pré-vestibular, nunca num curso de magistério ou nem sequer mencionado nos cursos técnicos.

Assim, quero dar voz aos egressos, sobre os conteúdos que vivenciaram:

O que me ensinaram nesse período, foi basicamente os fatos históricos mais importantes do Brasil, como o descobrimento, a independência, as guerras internas, a abolição da

⁵ Os depoimentos falaram das experiências que permaneceram mais vivas nas lembranças dos alunos: do ensino correspondente aos cursos fundamental e médio de hoje, de uma só dessas etapas, ou até de todo o percurso escolar. Isso não foi demarcado pela pesquisa, ficou a critério de cada um.

⁶ Não caberia dentro dos objetivos desse trabalho um estudo exaustivo sobre os guias curriculares que serviram de referência aos professores durante os períodos em análise, devido ao espaço e ao tempo que ocuparia tal tarefa. Somos no entanto conscientes, que um cruzamento de nossa análise com as propostas curriculares poderia fornecer subsídios importantes para a história da disciplina. Fica para um próximo projeto.

escravatura, os personagens mais marcantes destes acontecimentos, a cronologia de cada um, etc.

A história que me ensinaram servia para ordenar a sociedade, avisar sobre os erros do passado na intenção de que não mais se repetissem no futuro. O acervo de informações de todo mundo desde o surgimento do fogo ao presidencialismo vigente, era conteúdo obrigatório a saber de cor até a conclusão da 8ª série (1º grau).

Conheci uma história bastante passiva. Em nenhum momento me foi revelado o seu movimento, parecia-me algo parado no passado de povos antigos e distantes, parecia-me distante da ação do homem, principalmente dos meus professores e de modo especial, distante de mim.

A história era muito longe da realidade e nunca era explicado sem o processo de “decoreba”. Enfatizava-se muito as datas os nomes completos das figuras ilustres.

Até mesmo a história do Brasil parecia uma história distante. Ficava sempre a sensação que aqueles acontecimentos haviam ocorrido longe daqui.

Era tudo muito distante sem grandes participações populares.

Comecei a ter aulas de história quando estava na 5ª série, me lembro de estudar a história do Brasil em ordem cronológica dos acontecimentos julgados importantes. Seguíamos o livro didático sem pular uma página sequer, e tínhamos de decorar as datas e nomes importantes. Nas provas era transcrito tudo o que tínhamos decorado sem mudar uma vírgula, pois senão se corria o risco de perder ponto.

Percebe-se também, que há um forte viés ideológico nessa história que foi ensinada, o que nos remete aos objetivos patrióticos do ensino de História, tão bem revelados por Helène Védrine, ao se referir ao ensino de História francês e que hoje é retomado numa análise sobre a história das disciplinas por Dominique Julia. Há um sentido de endoutrinamento, muito semelhante às finalidades do ensino de História da república francesa, de onde, aliás copiamos várias tendências pedagógicas para o ensino desse conteúdo. Verifica-se assim uma exaltação patriótica que levava os alunos a verem os fatos como fantasia heróica, como mito e não como parte da experiência vivida pelos homens comuns.

Respeitando no texto as narrativas dos ex-alunos isso fica mais que evidente:

Alguns fatos que me recordo são: - Que o Brasil era um país de futuro, que ele foi descoberto por acaso, que os jesuítas catequizaram os índios, que a igreja católica era “santa”, que os homens são descendentes dos macacos, que a princesa Isabel libertou os escravos, que a Terra surgiu de uma explosão, que os EUA era uma grande nação e que não havia vida em outro planeta.

Enfim, a história que me ensinaram foi repleta de acontecimentos que hoje para mim foram distorcidos como por exemplo: - a descoberta do Brasil foi intencional, que a catequese dos índios foi um massacre cultural, que a igreja católica nada teve de santa, que a libertação dos escravos pela princesa Isabel só foi antecipada, pois era um fato que iria acontecer mesmo.

A história no qual me ensinaram foi uma história em que os índios eram criaturas malvadas e os portugueses eram os bonzinhos. Os índios eram pessoas preguiçosas e que não tinham disciplina, que foi preciso trazer os escravos para trabalhar para os brancos.

A história que me ensinaram foi à história das ações realizadas pelos heróis consideradas construtores da nação. D. Pedro I, Marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto. Tive disciplinas, Moral e Cívica e OSPB onde a história que nos é contada segue o mesmo da história do Brasil, e lições de moral. Entre o certo e o errado, sendo que o certo é ditado pela autoridade que estava no poder. Parece que a história continua sendo ensinada do mesmo modo até hoje. Onde D. Pedro I, Princesa Isabel e outros continuam sendo os heróis. A História Universal era dada em 1º lugar, depois a história do Brasil. A Geografia

estudada era das regiões, clima, relevo, hidrografia e alguma coisa sobre a economia mundial, no final do livro. O estudo era pura memorização.

Com isso, pode-se bem imaginar o que ocorria de fato com a disciplina escolar, quando ela se distanciava enormemente da disciplina de referência, já em fase de constituição no Brasil, com historiadores como Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Jr., Fernando Novais, Emília Viotti, para citar apenas os mais conhecidos.

A disciplina, que era para despertar nos alunos o interesse por fatos que marcaram e mudaram toda trajetória da humanidade, tornava-se vazia, distante, desinteressante, maçante, um estudo exótico e espetacular, não conseguindo (o aluno) identificar-se com o que era ensinado.

4- Os métodos de ensino e seus efeitos na disciplina escolar História

De uma maneira geral os egressos das escolas básicas em seus relatos demonstram que :

A experiência e a realidade individual do aluno não existiam na sala de aula, o que se trabalhava eram verdades “absolutas e inquestionáveis, condensadas nos livros didáticos e repetidas constantemente”.

O meu ensino foi muito maçante, pois os professores nos obrigavam a decorar o acontecimento, o personagem mais marcante e a data de ocorrência do mesmo, e sendo assim o ensino se tornava uma obrigação e não um prazer em estudar aquilo que aconteceu no seu país de origem.

Uma outra “didática” aplicada pelos os meus professores, era a pesquisa, fazíamos pesquisa de todos os assuntos, mas aprender mesmo, nada, pois pegávamos a enciclopédia, copiávamos, entregávamos e ficava por isso mesmo.

A história que me ensinaram, infelizmente não foi muito aproveitada, foram feitos trabalhos de pesquisa e leitura, mas de qualquer forma a orientação e a forma em que foi cobrada a aprendizagem foi maçante e desinteressante. Os trabalhos geralmente eram copiados diretamente de enciclopédias ou livros didáticos da própria escola, e a forma de cobrança das atividades, era através de prova, onde não pediam minha opinião, e sim, exigiam datas e nomes.

A tradição é a marca desse ensino de História que pressupunha nenhuma análise, nenhuma crítica e nenhuma interação professor- aluno –conteúdos. Essa tradição se fixava na memorização, no verbalismo inútil e inócuo, nas provas e avaliações também factuais e descritivas. Os instrumentos didáticos resumiam-se no livro didático, nos questionários, nas arguições e vez por outra uma atividade prática. Mas não se comunicava aos alunos os objetivos da disciplina, de seus conteúdos e das atividades exigidas dos alunos.

Os mestres que ensinavam tais conteúdos não são poupados nos relatos e pode-se sentir a aversão que despertaram ao estudo da disciplina história na escola:

Acredito que a professora que lecionava esta disciplina era formada para tal, pois exercia sua função “com perfeição”. O conteúdo era repassado através do direcionamento do livro didático, utilizado como única fonte de enriquecimento nas aulas. Eram ministradas aulas teóricas onde a professora repetia exatamente conforme o que estava no livro, facilitando a técnica do “decorar”, porque quando líamos as páginas lembrávamos da aula expositiva. Para reforçar eram cobrados questionários incansáveis e pesquisas que repetiam sempre da mesma forma dos assuntos. Não existiam ou não tinham interesse em novas técnicas de conhecimento, não se usavam outros recursos didáticos.

O estudo era tortuoso, sem nenhuma atração. Os métodos tradicionais de ensino, me faziam ler e reler (engolindo) o que os livros didáticos traziam como verdade absoluta.

Sem abertura a muitos questionamentos, o ensino de história refletia em um moldar de comportamento civil, um modelo de sociedade castrada sem autonomia ou questionamentos políticos, formando essa geração de adultos alienados e passivos que temos hoje.

As escolas antigas, carteiras para dois alunos, uniforme com emblema de identificação da escola pregada na camisa, o nacionalismo presente como forma de moralidade e de respeito à pátria, era a iniciação escolar de qualquer criança da época.

(...) na qual se exigia dos alunos decorar, declamar e cantar na ponta da língua datas, nome e hinos que estavam muito fora de sua compreensão, e com o tempo não os esquecia, mas, a importância da história para a vida,... ah! ... esta esquecia.

Na época em que estudei, a história que os professores tentavam ensinar, era uma história de decoreba. Os alunos eram obrigados a decorar datas, personalidades, momentos importantes etc.

As aulas eram maçantes pois os professores em sua maioria, abriam o livro lia e explicava, sem interesse de prender atenção e fazer com que os alunos aprendessem.

Outras alunas mais jovens, mostram que bem pouco viram desse conteúdo e de forma bastante superficial:

De 1ª à 4ª séries só me lembro que a História se chamava Estudos Sociais. Já de 5ª à 8ª séries o estudo era baseado em livros, não havia muita exploração de conteúdo. Era cobrado em provas e avaliações do aprendizado, perguntas iguais as dos questionários, dos livros (decoreba).

O ensino da História na educação infantil era baseado no estudo de datas comemorativas.

Num outro extremo, se encontram as comemorações, as festas cívicas, o aparato patriótico desenvolvido a partir dos temas históricos, numa confusão proposital entre conteúdo e forma patriótica de tratar-se o conteúdo da história. A história se transformava num pretexto e a “semana da pátria era o objetivo final, especialmente durante a época do regime militar”.

Outra coisa que me lembrei foi que até a 7ª série tínhamos que desfilarmos no dia 7 de setembro. O detalhe, é que éramos obrigados senão perderíamos ponto na matéria de História. E isso era aterrorizante para mim, sem ter escolha, eu desfilava com aquele sorriso forçado, para que ninguém percebesse que eu na verdade não queria.

Minha professora de História não colocava motivação em suas aulas. Eram tudo a mesma coisa. Nada de novo era levado para a sala de aula, fazendo com que ficássemos desmotivados. Perdi o interesse pela história, fazendo com que mais tarde, eu precisasse entender as primeiras aulas de história, para entendê-las nos próximos anos. Na minha 7ª e 8ª série tive uma outra professora que era excelente. Ela conseguia fazer com que entrássemos dentro da história. Primeira e Segunda Guerra Mundial foi o assunto que mais gostei e me marcou. Tivemos uma palestra com um alemão que foi preso na 2ª Guerra. Foi excelente! Meu Segundo Grau foi bom mas não tão marcante.

Quando eu estudei fui levada a “decorar”; o jeito de fazer prova era por meio de um mecanismo do questionário dado anteriormente: se decorasse fazia a prova.

Mas, a abordagem, era mais patriótica, nós como alunos tínhamos mais respeito à bandeira, ao hino, etc...

No tempo em que aprendi história, a matéria passada como Estudos Sociais, era ensinada através de pesquisa sobre as datas comemorativas. Sendo assim não dava para ter algum interesse, porque tínhamos que decorar datas, encher folhas de papel almaço e ilustrar a pesquisa daquela determinada data.

Lembro-me também que aprendi muito na base da decoreba, as datas e assuntos importantes eram mais marcados.

A História que eu aprendi e me ensinaram era sobre o Brasil, o conteúdo era voltado para resumo e questionário. Hoje percebo que infelizmente era apenas na base de decoreba, ficavam presos em livros sobre a nossa história.

Há que se falar das lindas festas cívicas, com participação total dos alunos, todos uniformizados, cantando o Hino Nacional Brasileiro, com o maior respeito. Sabíamos as músicas de cor, acompanhadas ao piano pela professora de canto.

Tínhamos aulas de Moral e Civismo, participávamos do desfile de “Sete de Setembro”. As Bandeiras eram hasteadas e todos tinham maior respeito!

Ledo engano porém, daqueles que supuserem serem esses recursos didático-pedagógico patrióticos coisas de um passado distante, selecionados pela pesquisadora dentre os relatos dos alunos cinquentões. Alunos mais jovens trazem consigo lembranças muito semelhantes, se bem que de escolas localizadas no interior do Estado, onde talvez o peso da tradição permaneceu por mais tempo:

Durante a época em que estudei no ensino fundamental, de 1986 a 1993, participei de vários desfiles cívicos em homenagem à Pátria, que inclusive era obrigatório. A escola toda se mobilizava para esse desfile. Estudei em uma escola do interior de MG, onde fiz todo o meu ensino fundamental, oito anos. E todos os anos nos dias 7 de setembro, todas as pessoas saíam de suas casas para verem o desfile (principalmente na praça principal da cidade).

Todas as escolas tinham que se apresentar, as da cidade e as da roça. Para separar uma escola da outros dois alunos de cada escola levavam uma faixa com o nome da escola. Cada bloco, pelotão de alunos vestia-se de um jeito. Lembro-me que desfilei uma vez com a roupa da Educação Física, outro ano com roupa de baliza fazendo acrobacias e os outros anos tocando os instrumentos da fanfarra com o uniforme próprio. Nossas mães preparavam nossas roupas com muita atenção e capricho, todos desfilavam com roupas novas e engomadas (...)

Durante a década de oitenta, quando começam a evidenciar-se os primeiros movimentos em prol de uma reforma curricular que levasse a um ensino de história mais de acordo com as mudanças ocorridas na ciência da História, novos objetos, novos conteúdos e novas formas de ensinar fizeram parte de um debate intenso nas faculdades de Educação e até mesmo nos cursos de licenciatura em História. Muitos de nós que aqui estamos fomos participantes desse debates e no entanto deparamos com relatos dessa época que mostram a pouca repercussão desses avanços nas salas de aula:

Cursei o ensino fundamental durante a década de 80, a partir de 83 e enquanto durou o meu curso, a disciplina História, nunca foi ensinada de uma forma diferente, sempre da mesma maneira, ou seja, se baseava em resumos e questionários.

Esta forma de aprendizagem infelizmente, proporciona pouco conhecimento, pois não houve um verdadeiro entendimento e sim tive que decorar alguns acontecimentos importantes, algumas datas e nomes importantes.

Infelizmente, tudo que me foi passado, de uma certa forma, posso dizer que foi muito superficial, não houve um aprofundamento no ensino dos conteúdos, eram feitas somente leituras e interpretação de textos para depois ficar fácil responder os questionários, não

havia um questionamento e tudo era passado como certo.

No mesmo tom de desaprovação, e atestando a mesmice pedagógica, num momento em que a História como ciência de referência já tem sua maioria evidenciada nas pesquisas e publicações acadêmicas em grande número no Brasil, vemos que a simples separação da História e Geografia no lugar dos Estudos Sociais, não recuperou para a História sua importância e seu status fundante. Daí a desilusão e o desinteresse por uma disciplina tão pouco inovadora:

A história que aprendi, foi através de pesquisa, das datas comemorativas, em que o aluno decorava as datas, onde a disciplina chamava-se Estudos Sociais.

A história e a geografia que me ensinaram no ensino fundamental foi algo pouco “explorado”. Fiquei, no que me lembro, com resumos, decorando datas e mapas, e com pouca aula expositiva e esclarecedora.

Tudo na minha opinião foi formal, pouco estimulado e nunca foi buscada a experiência individual de cada um.

Em 1990 iniciei a 5ª série em outra escola municipal. A disciplina História era estudada separadamente da Geografia. Dessa época não tenho recordações boas. As minhas notas nessa disciplina foram decaindo na medida em que avançava de série. Passei a ter uma aversão ao estudo da história, pois não me identificava por não ver sentido em saber fatos passados. Até que na 6ª série tive um professor muito exigente, resultado: quase fiquei em recuperação pela primeira vez...

No Ensino fundamental fazíamos muitos resumos e trabalhos em grupo. O enfoque em História era datas, personalidades das épocas, revoluções, etc.

Em geografia estudávamos clima, relevo, espaço, produção agrícola, pecuária, etc.

A partir da 5ª série estudei a História do Brasil, onde o professor transmitia o conteúdo, e o aluno apenas decorava a matéria, ensino tradicional.

5- Avaliação crítica dos egressos sobre a História ensinada

Neste último segmento, deixaremos, que as análises feitas pelos sujeitos de nossa pesquisa coloquem em relevo as principais idéias construídas por eles sobre o ensino de História, após terem passado pela escola básica e chegado ao curso superior. É claro, que depois de alguns semestres num curso voltado para os conhecimentos pedagógicos de certa forma muitos dentre eles foram capazes de se apoderar de críticas que perpassam o mundo acadêmico. Não sendo porém da área da ciência de referência, falta-lhes um instrumental teórico para a análise de como se deu a vulgarização dos conhecimentos dessa disciplina⁷ nos meios escolares. Voltando aos relatos examinados, destacamos primeiramente as críticas ao ensino tal como se deu, seguido de propostas de como poderia ter sido. Esclarecemos que não percebemos uniformidade de pensamento quanto ao que deve ser feito, mas são muito parecidas as críticas ao que consideram incorreto ou deficiente no ensino da disciplina. Senti, quase que numa leitura das entrelinhas a presença intermitente de alguns modelos de História: a história heróica ou patriótica, a história-denúncia, a história moralizante e com menos presença, a história social e problematizadora.

Os processos de mudança pelo qual passaram os conteúdos da história ensinada na década de oitenta, inicial e incipientemente, foram seguidos por debates e discussões ao longo das reformas introduzidas no ensino fundamental na década passada. Mas se contávamos com uma aquisição sem dúvida importante de novos conhecimentos

⁷ Aqui, mais uma vez creio que se trata de assunto para outros estudos e análises, de vez altamente pertinentes e necessários: de como a formação do professor em qualquer de seus níveis até agora não deu conta dessa lacuna que são os estudos curriculares e da história das disciplinas.

metodológicos e até de noções epistemológicas da ciência de referência, pelos professores formados nesse período, isso ainda não se reflete nos meios escolares. A questão se torna mais séria, quando se trata de alcançar o professor que está na sala de aula há mais tempo. Senão, como explicar a permanência e a “longa duração” da história heróica, invertebrada e mnemônica?

Nas concepções de história reveladas pelos alunos entrevistados, é possível divisar novos conceitos, novas atitudes perante as formas de se ensinar os conteúdos, que no entanto são ainda voltados para o passado e pouco problematizados. Os conceitos da Nova História não foram ainda assimilados por professores, embora figurm nos guias curriculares e até nos PCN.

A História, na minha opinião, não poderia ser ensinada apenas desta maneira, pois é um assunto de suma importância para nós, pois sem ela não reconheceríamos os nossos passado e nem entenderíamos o que acontece conosco hoje. Por isso, acredito que a maneira de ensiná-la deveria ser reformulada, para tornar o ensino mais interessante e motivar a todos a entender e a gostar do nosso país.

Hoje, a história foi reformulada, será? Acredito que as maneiras de transmiti-la tenham mudado, o comportamento dos professores e a abertura para a globalização, tecnologia, todos esses aspectos e muito mais tenham contribuído para o abandono da história contada arcaicamente.

Os alunos também estão com uma visão mais crítica e trazem de casa as suas opiniões e também conseguem provar o que dizem.

Contudo, a história, para que esteja sempre presente na vida do cidadão deve ser vivenciada, refletida, contada, como nossos avós contavam a história da família, para a formação de um patriota reflexivo, transformador dos fatos existentes e que virão.

As idéias mais difundidas entre os professores e que vem encontrando eco nas escolas é a de uma história mais viva e não acabada, onde os próprios alunos são seus sujeitos e agentes. Isto se dá porém como recurso pedagógico e sem uma consciência mais balizada nas fontes autorais da ciência de referência.

História hoje representa algo que constrói e não amarra, estuda-se o passado questionando o presente e projetando um futuro. O olhar crítico que lançamos aos erros cometidos nos faz sentir que o futuro precisa ser no mínimo com menos sofrimento e que é possível a nós transformarmos, somos agentes desta história e temos o poder de mudar o seu curso a qualquer momento.

Hoje a História para mim, é feita de movimentos, da ação e reflexão do homem no mundo e no seu contexto social.

Hoje chegamos a conclusão que os fatos e a forma de como nos foi ensinada a história do Brasil deixou muito a desejar, pois agora temos uma visão mais clara das coisas, conseguindo assim selecionar as informações que nos são passadas.

Quando aprendi uma outra versão da história na faculdade fiquei decepcionada e senti enganada e me questioneei: qual o fundamento de ensinar esta história em que só os brancos eram bonzinhos e o restante não prestava?

Na universidade é que a gente fica sabendo que a nossa história nada tem a ver com heróis, que foi a maçonaria que “forçou” a independência, que a princesa Isabel não assinou a Lei Áurea por livre e espontânea vontade. Nós nos deparamos com o conhecimento histórico que envolve relações e compromissos, de caráter científico,

O ensino de história pode deixar de ser apenas datas e nomes, ele pode mostrar ao homem que o mesmo é capaz de mudar sua própria história, mesmo sem heroísmo, reconhecendo sua participação na sociedade transformadora e diferenciada.

Sinto tristeza ao pensar que a maioria da população só tem acesso a essa história “mascarada”. Pois só a minoria consegue chegar à universidade onde não se reproduz o conhecimento, mas se constrói o conhecimento (crítico).

Atualmente, não dá para definir um conteúdo de história, pois a mesma vive num processo constante de construção e reconstrução a cada dia.

Hoje estamos mais conscientes que somos construtores da história e não mais apenas receptores passivos de um acontecimento parado no tempo e no espaço.

Mas, não é só a história que é ensinada como nossos políticos querem: a Geografia, a Sociologia, a Literatura... Todo currículo escolar tem a mão de nossos governantes.

Porque que isto acontece? Porque não me ensinaram uma história verdadeira? Porque não ensinam aos jovens a serem cidadãos críticos?

Em resumo privar os nossos jovens de construir um conhecimento crítico é um ato de violência que tem como pano de fundo a manipulação da população (dos eleitores). É mais fácil enganar e manipular o povo que você (Estado) “educou.”

A reprovação quando estava na 5ª série, por não conseguir assimilar e entender a história, quando estava vindo da zona rural para estudar na cidade: imagine esta realidade...

Hoje percebo a história com outro olhar, um olhar mais crítico onde busco atualizar minha formação num trabalho de uma consciência mais crítica e como educadora não posso parar no tempo, é preciso entrar na dinâmica do processo da construção de uma história que não aliena, mas constrói verdades, que liberta e faz caminhar na libertação de tantas amarras e preconceitos. . A importância da história em nossa vida é fundamental, porque ela proporciona com certeza, postura, questionamento.

Um dos relatos mostra uma crítica que geralmente é feita nos meios educacionais sobre a hierarquização das disciplinas no currículo e as deficiências no ensino da disciplina que se segue à valorização de certas disciplinas, em detrimento de outras e à criação dos Estudos Sociais, da Educação Moral e Cívica e da OSPB:

Para mim elas (as disciplinas escolares acima citadas) contribuíram para a formação do pensamento acrítico, de maneira a não ultrapassar os limites, a não abalar a estrutura do Estado, afastando os professores de projetos educacionais que motivassem os alunos a serem “perguntadores”.

A história para mim não quer dizer a capacidade, do aluno, de memorizar datas e nomes, como se passaram fatos, comparar para julgar homens e ações. Significa, sim, oferecer ao aluno a possibilidade de construir o conhecimento histórico a partir de sua experiência, de sua bagagem cultural, do acervo de informações.

Enfim, seria oferecer fundamentos para um estudo analítico e crítico da sociedade brasileira, bem como a compreensão das relações espaço-temporais. Também viabilizar a análise e a reflexão sobre a mudança que ocorreram e ocorrem na sociedade, como ela é organizada e como pode ser modificada através das ações humanas.

Há ainda presença de uma sensação de tempo perdido e de uma história que foi manipulada pelos integrantes do poder, naqueles que se mostram mais conscientes. É claro que não se poderia de dizer que suas reflexões são “pós-modernas”, mas ficam muito mais próximas das explicações macro teóricas.

Sou da geração do anos 60, período de grandes mudanças na sociedade brasileira, tempo em que os estudantes saíam as ruas e buscavam seus ideais revolucionários, da mesma forma a repressão também se fazia pesada. Os conhecimentos escolares eram manipulados pelos interesses dominantes, apesar da reação dos intelectuais que acabaram por serem exilados do país.

(...) sinto que, estes movimentos sócio/históricos, que hoje acontecem, buscando desvelar toda verdade oculta da história manipulada pelas forças até então dominantes, e criar um cidadão mais liberto, mais crítico, consciente e responsável, mais me parece um movimento cíclico da própria dinâmica da história sócio/econômica humana, uma inversão de papéis: os vencidos estão tomando lugar dos dominadores, por interesse das novas forças econômicas que são as engrenagens do dinamismo histórico.

Portanto, sei que não vou mudar isto e o que aprendi há muitos anos foram ideologias que até hoje continuam sendo passadas, mas de uma coisa tenho certeza o ensino de história é muito importante para a nossa vida é o momento onde percebemos toda a caminhada de um povo e principalmente até onde vamos construindo a nossa história. Acho que nesse período percebi a importância da história para a atualidade. Fatos ocorridos em outros tempos refletem hoje.

E agora na faculdade tenho cada dia mais certeza disso: a História é um conhecimento essencial para vivermos como cidadãos.

Acreditar na história, sempre acreditei, pena que acordei e descobri depois de muito tempo, que até os mestres estão equivocados e também aprenderam da mesma forma que eu.

A história: o que é hoje?

E assim, pouco sei de história, pois creio que para aprender é preciso entender e não decorar.

De certa forma os egressos e hoje professores reconhecem que a “história que lhes ensinaram” na escola básica foi um arremedo da ciência da História, da qual desconhecem as premissas e fundamentos. No entanto muitos dentre eles buscam externar uma opinião fundamentada em seus conhecimentos pedagógicos, mais de acordo com o que Silva chama de uma “epistemologia educacional do conteúdo específico” (SILVA, 1997) A disciplina que é dada no curso de Pedagogia deveria cumprir em parte essa finalidade, mas ela se torna uma tarefa intransponível, dada à exigüidade do tempo e devido à organização curricular . Penso que sem um conhecimento dos pressupostos teóricos e discussões epistemológicas que balizam a ciência de referência, essa tarefa continuará sendo feita pela metade. Tanto pior para os futuros professores de ensino fundamental e tanto pior para os alunos que deverão continuar recebendo o mesmo tipo de ensino.